

TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA E SUAS INTERFACES DE APLICAÇÃO EM DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

English title: **TERMINOLOGY AND TERMINOGRAPHY AND THEIR APPLICATIONS IN VARIOUS FIELDS OF KNOWLEDGE**

DOI NUMBER: 10.33726/akedia2447-7656v18a122026p28a39

SILVA, Giovanna Costa¹ – [id https://orcid.org/0009-0004-7536-1078](https://orcid.org/0009-0004-7536-1078)

SANTOS, Valeria Vieira dos² – [id https://orcid.org/0009-0006-0023-6736](https://orcid.org/0009-0006-0023-6736)

NUNES, Andreia Dellano Mendes³ – [id https://orcid.org/0000-0001-8695-6553](https://orcid.org/0000-0001-8695-6553)

PESSOA, Marcelo⁴ – [id https://orcid.org/0000-0002-9193-4604](https://orcid.org/0000-0002-9193-4604)

MARTINS, Sabrina de Cássia⁵ – [id https://orcid.org/0000-0002-0890-603X](https://orcid.org/0000-0002-0890-603X)

RESUMO: Este *paper* se volta a apresentar resultados parciais de estudos linguísticos diversos, desenvolvidos em nível *stricto sensu*, combinados a um formato de relato de experiência, apreendidos durante o curso de uma Disciplina de Pós-Graduação, ofertada pelo PPGL – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSCAR, em fevereiro de 2026, componente curricular intitulado “Tópicos avançados em descrição, análise e processamento de línguas naturais – I – Terminologia e Terminografia”. Portanto, devido à amplitude das áreas do conhecimento envolvidas em cada Projeto de Pesquisa, aqui representados pelos pós-graduandos supra mencionados, metodologicamente, este texto foi compilado, por meio de uma revisão sistemática de literatura e de suas respectivas pesquisas exploratórias. O objetivo desta escrita, era o de entregar à Docente da Disciplina, parte dos requisitos para a aprovação e obtenção de créditos junto ao PPGL / UFSCAR, em formato de Seminários. Contudo, além desta meta satisfeita, os efeitos derivados da abordagem, não só resultaram nesta publicação, como deram conta de contribuir para uma condução das propostas de pesquisa individualmente desenvolvidas, como também deixaram legado significativo no *background* intelectual dos discentes reunidos sob a dinâmica desta experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Terminologia, Inteligência Artificial, Cegueira Pragmática, Hesitação, Calibração Linguística, Frames

ABSTRACT: This paper aims to present preliminary results from various linguistic studies conducted at the master’s level, presented in the form of a case study, as part of a graduate-level course offered by the PPGL – Graduate Program in Linguistics, UFSCAR, in February 2026, a course component titled “Advanced Topics in the Description, Analysis, and Processing of Natural Languages – I – Terminology and Terminography”. Therefore, given the breadth of the fields of knowledge involved in each research project – represented here by the aforementioned graduate students – this text was compiled methodologically through a systematic literature review and the corresponding exploratory research. The purpose of this paper was to submit to the course instructor part of the requirements for passing the course and earning credits through the PPGL / UFSCAR graduate program in the form of seminars. However, beyond achieving this goal, the outcomes of this approach not only resulted in this publication but also contributed to the advancement of individually developed research proposals, leaving a significant legacy in the intellectual background of the students brought together through this experience.

KEYWORDS: Terminology, Artificial Intelligence, Pragmatic Blindness, Hesitation, Linguistic Calibration, Frames

¹ Discente UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos, Mestrando PPGL – UFSCAR. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9371757316378337>

² Discente UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos, Doutoranda PPGL – UFSCAR. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4618767941163669>

³ Discente UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos, Doutoranda PPGL – UFSCAR. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8798650348945293>

⁴ Discente UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos, Doutorando PPGL – UFSCAR. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1863556911259481>. Dr. em Letras, Docente, na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Frutal. Pesquisa desenvolvida com o apoio da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

⁵ Dra. em Linguística, Docente do PPGL – Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, orientadora responsável pela Disciplina e dos resultados aqui apresentados. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1243693254551642>

INTRODUÇÃO

Para a construção deste Artigo, um dos pontos de partida mais relevantes, foi o da assunção de que a compreensão que se precisa ter sobre as Ciências da palavra, a saber, tais como a Linguística, a Fonologia, a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e Terminografia, é a de que, embora irmanadas, dentro de um mesmo liame histórico e metodológico, e interesse teórico, embora cooperem entre si, essas Ciências carecem de manter as suas autonomias epistemológicas, isto é, seus objetos, seus métodos e modelagens próprias, tal como afirma Barbosa (2009): “é preciso distinguir para articular”.

É neste sentido, ainda, que Nadin (2022), discorrendo sobre temas afeitos à Linguística Aplicada, cumpre este papel de fazer dialogarem várias áreas científicas da linguagem, ao dar permeabilidade aos conteúdos que a Terminologia e a Terminografia tratam, sugerindo, e até mesmo possibilitando natural avanço de todas as Ciências envolvidas, bem como, entregando um melhor produto didático aos interessados nos serviços científicos da Linguística.

Sob tal perspectiva inter e multi disciplinar, os escritos aqui reunidos reforçam, sob o escopo delimitado em seus Projetos de origem, a necessidade de se desenvolver uma análise léxico-terminológica que inclua os aspectos sociais, culturais e interacionais envolvidos na comunicação humana. No bojo desta compreensão, Nadin (2022) também se dedica a respeitar os contextos comunicativos, visto que sua proposta se coaduna, tanto com elementos técnicos da Teoria da Tradução (cf. Faulstich, 2001), no que diz respeito à equivalência conceitual (ou equivalência terminológica) entre línguas, como também dialoga com o chamado ‘Princípio do Valor Terminológico’ (Cabré, 1999), tal como sistematizado por Ferdinand Saussure (1916), ou mesmo com os Arquivos de Foucault, ditames seus de 1969 (Foucault, 2008). Inclusive, no caso de Saussure, vemos um conceito estruturalista, por meio do qual se define que o sentido de uma unidade linguística (palavra, termo, fonema) não é dado isoladamente, mas sim por sua posição relativa e suas relações de contraste com outros signos dentro do sistema da língua (Saussure, 1916, 2006), ideia que, de certo modo, se coaduna com a Terminologia de Frames (Filmore, 1976).

É a partir do alinhamento desses e de outros alicerces teóricos, então, que se estruturam os relatos de experiência apresentados a seguir. Em meio aos vários dispositivos em comum que os autores deste *paper* descrevem, destacam-se o fato de que eles adotam como premissa o desafio de conectarem, cada um ao seu modo, as reflexões suscitadas nos Seminários da Disciplina de “Tópicos avançados em descrição, análise e processamento de línguas naturais – I – Terminologia e Terminografia”, às respectivas áreas de pesquisa dos signatários dos trabalhos que compõem este Artigo.

RELATO I – DA DEFINIÇÃO NEGATIVA À HESITAÇÃO COMPUTACIONAL

O presente relato parte das discussões realizadas em Seminário na disciplina citada, tendo como foco o texto das escritoras Delvizio e Silveira (2021). As autoras analisam a recomendação tradicional da Lexicografia, que é a de evitar definições negativas. Historicamente, explicar um conceito pelo que ele ‘não é’ ou pelo que lhe falta, era considerado um defeito ou vício de linguagem na construção de dicionários e glossários. Em diversos manuais de Terminologia, a forma negativa figura ao lado de vícios como a ambiguidade, a circularidade e a tautologia.

O trabalho de Delvizio e Silveira (2021), contudo, propõe uma revisão desse paradigma, questionando o *status* da definição negativa como um ‘defeito a ser evitado’ e reposicionando-a como um recurso terminológico válido e estritamente necessário. Ao analisarem um *corpus* empírico do discurso especializado, as autoras demonstraram que a negação é um instrumento operante para a descrição de conceitos fundamentados pela falta de um atributo. O raciocínio por exclusão revela-se altamente produtivo na sistematização de patologias e defeitos em materiais. Na Dermatologia, por exemplo, a acromia é definida pela ausência total de pigmento melânico; na Engenharia, o empeno de uma placa cerâmica é conceituado como a ‘falta de planaridade’.

Nesses cenários (ou Frames, em termos de Filmore, e. g.), a exclusão da estrutura negativa em prol de uma recomendação de estilo resultaria na perda de informações essenciais para o especialista.

A conclusão a que as autoras chegam, aponta para a ideia de que a definição terminológica negativa é um instrumento metodológico de precisão, utilizado para demarcar imperfeições do mundo real. Ao reabilitar esse ‘defeito’, dizem elas, evidencia-se que a imposição irrestrita de uma norma de higienização textual, força uma linguagem puramente afirmativa e compromete a fidelidade da informação.

Conexões entre a Terminologia Clássica e a Calibração de Incerteza em Inteligência Artificial

Essa busca normativa por uma linguagem idealizada e higienizada vai além da Lexicografia clássica e encontra um paralelo metodológico no desenvolvimento contemporâneo da Inteligência Artificial (IA). O treinamento de Grandes Modelos de Linguagem (LLMs) baseia-se predominantemente em *corpora* escritos, editados e padronizados.

Conseqüentemente, ao se buscar maximizar a fluidez sintática, os *pipelines* de pré-processamento aplicam uma higienização textual, tratando marcas da oralidade espontânea, como pausas preenchidas, truncamentos e alongamentos, como ruídos acústicos que devem ser filtrados.

Sob a ótica da Linguística Interacional, no entanto, essas marcas não constituem *déficit* de competência. Marcuschi (2003) postula que tais marcas compõem a sintaxe de planejamento da fala. Portanto, mais do que reflexos do processamento, essas ‘hesitações’ operam como metadados pragmáticos (Hyland, 2005) que formam uma ‘assinatura de incerteza’, sinalizando ao interlocutor o grau de cautela epistêmica do falante.

Ao higienizar as transcrições para alimentar os modelos generativos, os processos editoriais apagam essa assinatura. O agravamento desse problema resulta no excesso de confiança probabilística: a IA sofre de uma alucinação, a qual é impulsionada pela supressão do contexto pragmático, transmutando a dúvida tateante de um ser humano em uma afirmação categórica.

Para investigar essa dinâmica empírica, um estudo piloto recente avaliou o comportamento do modelo Llama-3.1, frente a um *corpus* de 344 turnos do programa ‘Roda Viva’ (TV Cultura), contrastando transcrições fiéis com versões higienizadas. Os resultados revelaram um padrão contraintuitivo: a submissão do modelo à transcrição fiel (com hesitações) resultou em um agravamento da descalibração matemática, elevando o erro de excesso de confiança da máquina. Isso demonstra que os LLMs sofrem de uma ‘cegueira pragmática’, por terem sido treinados sob a hegemonia da escrita limpa, não conseguindo interpretar a disfluência como um sinal de cautela humana, processando-a apenas como lixo estatístico.

Em síntese, a apresentação no Seminário permitiu concluir, que a tentativa de forçar uma fluidez artificial na transcrição da fala espontânea, induz a IA a operar sob uma ilusão de competência factual. Assim, como a imposição de uma definição afirmativa a um defeito oculta a verdadeira natureza do conceito nos dicionários, a higienização da hesitação na computação destrói a fidelidade ao estado cognitivo do falante original. A preservação da disfluência revela-se, portanto, não como uma tolerância a falhas, mas como um mecanismo estritamente necessário para que a máquina possa mensurar a incerteza e mitigar a geração alucinatória de fatos.

RELATO 2 – Equivalência terminológica e poder-saber: uma leitura foucaultiana

Neste segundo Seminário, vimos que os termos são revestidos de história e, ao partir dessa reflexão, pensar e relacionar os estudos de Equivalência, fomentados por Pilar León-Araúz (León-Araúz, 2022) quanto à Análise do discurso, em Michel Foucault, torna-se possível e até diríamos, necessário, principalmente quando o olhar lançado aos estudos de Terminologia e Terminografia são os que se constituem na contemporaneidade.

León-Araúz (2022) discute a equivalência na Terminologia, a partir de três eixos principais: *i* – o escopo da equivalência; *ii* – os graus de equivalência; e, *iii* – os mecanismos de formação de equivalentes, examinando suas implicações para recursos terminográficos multilíngues.

Tradicionalmente, a equivalência foi concebida como identidade conceitual entre línguas, isto é, como correspondência entre conceitos que ocupam a mesma posição em sistemas conceituais paralelos. Essa perspectiva, orientada pelo conhecimento, entende o termo como designação de um conceito previamente estruturado.

Entretanto, a autora em debate no Seminário, mostra que a equivalência pode ser estabelecida também no nível terminológico e textual, envolvendo fatores pragmáticos, culturais e comunicativos. Nesse sentido, a equivalência deixa de ser entendida como identidade absoluta e passa a ser concebida como fenômeno graduado. São distinguidos diferentes graus de equivalência: a) total; b) sobreposição; e, c) inclusão e não equivalência. A maior complexidade reside nos casos de equivalência parcial, que exigem decisões estruturais na organização de bases terminológicas.

A autora também descreve mecanismos de formação de equivalentes, como equivalência canônica, genérico-específica, comunicativa, funcional, cultural, descritiva, empréstimo e neologismo. Essas categorias revelam que a equivalência não é apenas descoberta, mas frequentemente construída.

No âmbito terminográfico, discute-se a diferença entre correspondência e equivalência tradutória, bem como a necessidade de representar relações muitos:muitos⁶ entre termos. A autora enfatiza que a representação adequada da equivalência exige informações sobre contexto de uso, registro, variação e confiabilidade. Nesse aspecto, a equivalência é uma noção complexa, relacional e dependente de contexto, cuja sistematização ainda demanda avanços metodológicos.

Quando tomamos materialidades discursivas que possibilitam o encontro de teorias para a análise, como termos presentes em textos técnicos, documentários, como exemplo *Frontline*, diante do acontecimento discursivo da COVID-19, presente no discurso médico, em equivalência que pode ser traduzido por ‘Linha de frente’ e, mas, também, nos remeter à metáfora militar do *front* de batalha, da heroificação, deslocamento de guerra para saúde, exposição etc. Isto é, a síntese do Seminário, deu visibilidade à ideia de que, flagrar esse termo/enunciado em gêneros textuais/discursivos institucionalizados, é mais bem mobilizada nas categorias de Análise do Discurso Foucaultiana, dentre elas: ‘formação discursiva’, ‘regime de verdade’ e ‘normalização’.

⁶ Uma relação muitos-para-muitos (N:N), é um tipo de cardinalidade encontrada em bancos de dados relacionais, em que múltiplos registros de uma ‘tabela de junção’ estão associados a múltiplos registros de outra, e vice-versa.

Em confluência à Análise do Discurso de matiz foucaultiana, a equivalência deixa de ser correspondência fixa e passa a ter efeito de funcionamento discursivo em que o termo não apenas designa um conceito: ele participa de uma rede de práticas, registros, posições enunciativas. Mesmo que a intenção seja uma aproximação teórica, é importante frisar que há uma tensão. Assim, enquanto que a Terminologia sugere estabilidade, a Análise do Discurso foucaultiana aponta para a historicidade. Dese modo, temos o ‘Conceito’ como unidade vs. ‘Conceito’ como efeito; ‘Sistema’ estável vs. ‘Formação Histórica’; ‘Equivalência’ como correspondência vs. ‘Equivalência’ como gesto discursivo. Da estabilidade trazida pela Terminologia Clássica, para Foucault (2008), não há saber neutro. Todo saber está atravessado por relações de poder. Não se trata de perguntar se dois termos são iguais, mas sob quais condições eles podem ser considerados iguais.

Dito isto, como uma ruptura epistemológica, o debate no Seminário permitiu alargarmos nossa compreensão, pois enquanto a Terminologia Clássica traz o conceito como estável, na ampliação contemporânea, intentada por Léon-Arauz (2022), a equivalência depende de contexto, uso e comunidade discursiva. Isso dialoga diretamente com a noção foucaultiana de formação discursiva (os termos existem dentro de regimes de saber) a ideia de que os conceitos não são universais, mas historicamente constituídos.

Sempre que se puder descrever enunciados, semelhante sistema de dispersão, e sempre que, entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, puderem-se definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), dir-se-á que se trata de uma formação discursiva (Foucault, 2008, p. 43).

Nesse contexto é que a equivalência funciona como um dispositivo de saber-poder, já que ‘dispositivo’, para Foucault (2008), é uma rede heterogênea de discursos, instituições, práticas e normas. A equivalência é uma tecnologia de estabilização do sentido, legitima categorias, organiza fronteiras conceituais, autoriza posições de sujeito. É assim que, quando uma base terminológica marca um termo como ‘preferido’, ela prescreve, não descreve e, por isso, normaliza.

A normalização, em Foucault, é um mecanismo do poder disciplinar e do biopoder que estabelece normas (o ‘normal’) para classificar, hierarquizar e controlar indivíduos e populações, especialmente nos séculos XIX e XX. Ela funciona por meio de sanções que punem o desvio, moldando corpos e comportamentos em instituições como escolas, hospitais e prisões.

Michel Foucault não trabalha com conceito de identidade, mas com processos de subjetivação, modos pelos quais “a relação do sujeito com ele mesmo, e os tipos de atenção que os sujeitos têm dirigido a eles mesmos, em diferentes tempos e espaços” (Rose, 2001, p. 35).

Ele considera a identidade algo fechado, engessado, o que destoaria da dispersão, da não-linearidade propostas em seus escritos. Foucault (2004) entende a subjetivação como a forma pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade. Da tradução do termo *Frontline* e os efeitos de sentido que reverberam, há legitimização do dizer, vontade de verdade, a necessidade de averiguação em quais gêneros textuais/discursivos podem estar presente esse termo, quais as instituições estão autorizadas a dizê-los.

Tais elucubrações constituem o que, para Michel Foucault é o ‘regime de verdade’, conjunto de regras, discursos e mecanismos institucionais que uma sociedade aceita e faz funcionar, para distinguir enunciados verdadeiros de falsos. Não é uma verdade absoluta, mas uma produção circular ligada ao poder, que define o que pode ser dito, quem pode dizer e como. Não aparta-se a verdade das relações de poder, em Foucault (1972), pois, para ele, ambos se inscrevem na tessitura social.

Enquanto a Terminologia descreve mecanismos, vimos na conclusão do Seminário, que Foucault problematiza condições históricas. É nesse laço teórico, tensionado, que a equivalência pode ser lida como dispositivo de poder-saber. Ao perguntar, o que é considerado equivalente? Quem decide? Em qual regime de saber? Percebemos que a equivalência não é apenas relação entre termos, é prática que participa da produção de regimes de verdade e processos de subjetivação.

RELATO 3 – Sobre léxico e as injúrias no Português Brasileiro contemporâneo

Neste terceiro Seminário, enredamos discussões, em que o embasamento teórico se iniciou a partir da perspectiva de Maria Aparecida Barbosa (2009), texto a partir do qual foram exploradas as fronteiras e as relações de cooperação entre Ciências da palavra como a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia. Tais distinções são fundamentais para a compreensão de como uma unidade lexical transita entre a língua geral e contextos especializados.

Durante esse processo, um aspecto particularmente interessante foi o da reflexão sobre a diferença entre os conceitos de ‘vocábulo’ e ‘termo’. No entanto, ao se considerar seu uso em áreas distintas, como no Direito ou mesmo na Linguística, tornou-se possível compreender que um vocábulo pode vir a ser um termo jurídico ou objeto técnico de análise.

A experiência também possibilitou que o domínio do léxico vai além do conhecimento de palavras isoladas. Neste ponto, destaca-se a importância do desenvolvimento da competência

lexical: a habilidade de escolher palavras conforme o contexto inserido, o interlocutor e o tipo de discurso, além de se transportar um sentido de um contexto para o outro.

Observou-se que um mesmo termo pode assumir diferentes valores semânticos e pragmáticos, palavras que, a uma primeira vista consideradas neutras, podem se tornar ofensivas dependendo do uso. Isso reforça a importância de uma análise que considere não somente o léxico, mas também os aspectos sociais e culturais envolvidos.

Em suma, o embate no Seminário permitiu aos interlocutores perceber, que o léxico é carregado de valores e ideologias. E assim, palavras como ‘vaca’, ‘retardado’ e ‘burro’ podem parecer somente vocábulos da língua geral, utilizados de forma fluida para ofender ou descrever comportamentos. No entanto, sob lupa terminológica, se tornam termos técnicos que para linguistas constituem objetos para testagens linguísticas, voltadas a identificar comportamentos pejorativos sob diferentes tipos (cf. Basso e Silva, 2024) e, como resultado, há uma descrição mais ampla desses termos ofensivos, além de uma imagem de como questões sobre machismo, racismo, xenofobia, capacitismo, homofobia e diversos outros preconceitos são mobilizados e refletidos.

RELATO 4 – RESGATE DA TERMINOLOGIA E DA TERMINOGRAFIA NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS PARA FINS ESPECÍFICOS NO CONTEXTO BRASILEIRO

A teoria de Odair Luiz Nadin (Nadin, 2022), a chamada **EALFE** (Ensino e Aprendizagem de Línguas para Fins Específicos), advém de duas fases bem definidas da evolução da Terminologia: a) de 1930 a 1960, com ênfase nos termos; e, b) a partir de 1960, sob o enfoque de conteúdos e vocabulários técnicos e específicos.

Do modo como nos propusemos a compreender os conteúdos da Disciplina, apresentamos no Seminário, a ideia de que a EALFE se justapõe, em certo sentido, com a chamada Terminologia baseada em *Frames*, atrelada a estudos semânticos, de Charles Filmore (Filmore, 1976).

Durante a Disciplina e, particularmente, no presente Seminário de origem deste relato, postulamos sobre a possibilidade de uma integração entre a ‘EALFE’ (Nadin, 2022) e a ‘Terminologia Baseada em Frames (**TBF**)’, de Filmore (1976). Isto é, dissemos que, enquanto a EALFE foca nas necessidades específicas do aprendiz em contextos profissionais, a TBF organiza o léxico especializado não apenas como uma lista de palavras, mas como estruturas conceituais complexas, os chamados *frames*.

Esses *frames* ou fragmentos linguísticos em cenários específicos, então, representam cenas ou situações do mundo real, em que os termos ganham sentido, por meio de relações hierárquicas e funcionais. No contexto do ensino para fins específicos, por sua vez, o aluno não precisa decorar

termos isolados, mas compreender o ambiente cognitivo em que ele atua, identificando os papéis dos participantes e das ações envolvidas. Essa abordagem, segundo o que pudemos discutir em sala de aula, permitiria ao estudante desenvolver uma competência comunicativo-especializada mais aprofundada, visto que ele passa a ter condições de mapear mentalmente como o conhecimento linguístico de um *corpus* técnico é estruturado e empregado na comunicação.

Assim, léxicos especializados deixariam de ser um obstáculo interacional, para se tornar uma ferramenta de compreensão contextual. A aplicação dessa sinergia em sala de aula permitiria se promover, no contexto do ensino de gramática, por exemplo, uma aprendizagem significativa, conectando a norma culta, a variante de prestígio, ao uso real e estratégico da Terminologia em domínios lexicais específicos, aproximando este protocolo aos da Sociolinguística laboviana.

Para ilustrar essa possível aplicação, imaginemos uma aula de Português, num curso de Administração, versando sobre o assunto ‘Logística’, por exemplo, focada, portanto, no *frame* de ‘Transporte de Cargas’. Valendo-se dessa abordagem, ao invés de apenas listarmos listas de vocabulário, estruturaríamos o conhecimento linguístico sobre o tema ‘Transporte de Cargas’, seguindo as suas particularidades de sentido, ou seja, formaríamos a ‘Semântica de *Frames*’. Assim:

O *Frame* (o Cenário, ou o contexto, se assim o quisermos), pode adotar como premissa o conceito mental de ‘Movimentação de Mercadorias’. Neste sentido, então, seriam elementos deste *Frame*: um Remetente da Mercadoria, um Transportador para esta Mercadoria, um Destinatário para ela, a Carga propriamente dita, bem como, o Veículo que faria o transporte.

Na atividade prática da Aula, aplicando a EALFE, o aluno precisaria preencher quesitos pertinentes ao conhecimento de embarque, transporte, entrega. Já, na aplicação do TBF, o professor não ensinaria apenas o que é ‘frete, encomenda’. Ele mostraria, por exemplo, como o termo ‘frete’ evocaria automaticamente os demais papéis e agentes envolvidos, tais como o Remetente, o Veículo, o Transportador, a Carga, o Fabricante, o Vendedor, o Mercado etc. O aluno, assim, se torna capaz de entender a relação de dependência entre esses elementos dentro do ‘cenário’, ou seja, se torna competente em compilar vocabulário contextualizado, nos moldes do que se chamou de ‘Terminologia Baseada em *Frames*’, compreendendo o sistema lógico daquela profissão, e não apenas decorando palavras soltas.

E foi assim que, durante o Seminário e o curso da Disciplina, que chegamos à conclusão, de que a Terminologia e Terminografia, costumeiramente compreendida como área derivada da Linguística, ao invés disso, seria ela, a Ciência-Mãe da Linguística, e não filha dela, ainda que, cronologicamente, hajam datas que as coloquem em momentos históricos sucessivos inversos a esta conclusão, aparecendo a ‘Linguística’, nascida em 1916, com o Suiço, Ferdinand Saussure (1857-1913), e a ‘Terminologia e Terminografia’, em 1930, com o austríaco Eugen Wüster (1898-1977).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ocorrência da ‘cegueira pragmática’, em modelos generativos, evidencia um descompasso estrutural entre a pragmática da comunicação humana e o processamento computacional contemporâneo. Esse fenômeno ocorre porque a Inteligência Artificial, é atual figura tida como herdeira digital da Lexicografia tradicional, anterior à revisão proposta por Delvizio e Silveira (2021).

Assim como os antigos manuais de Terminologia orientavam o banimento da definição negativa, por classificá-la como um ‘defeito’ estilístico, os algoritmos modernos são treinados sob o viés da higienização, condicionados a rejeitar os elementos de formulação da oralidade, em prol de uma fluidez estatística e de uma linguagem estritamente padronizada.

Ao serem submetidas, de forma quase exclusiva, a dados escritos e editados, as redes neurais desenvolvem uma limitação sistêmica na interpretação da disfluência. Para a arquitetura do modelo, a ausência de fluidez não é decodificada como uma manifestação de dúvida epistêmica do falante ou como uma sintaxe de planejamento. Consequentemente, a máquina trata as pausas, truncamentos e reformulações como mero ruído estrutural ou estatístico, falhando em modular a confiança de suas previsões e transmutando a especulação humana em certezas absolutas, o que retroalimenta a geração de alucinações.

A revisão dos preceitos léxico-terminográficos, demonstra que a supressão sistemática do que foge ao padrão ideal, afeta diretamente a precisão descritiva. Na prática científica, ocultar a ausência de uma característica, torna inviável a correta conceituação de patologias e de defeitos físicos. De forma análoga, na engenharia de aprendizado de máquina, o apagamento prévio da hesitação destrói a fidelidade ao estado cognitivo do enunciador. Tentar forçar uma comunicação perfeitamente contínua priva o pesquisador de metadados interacionais que sinalizam a real fragilidade ou sustentação da informação transmitida.

Portanto, se o objetivo das tecnologias computacionais é processar a linguagem natural de forma confiável, torna-se imperativa uma revisão metodológica no tratamento de dados. Assim, como a definição negativa foi reabilitada como um recurso terminológico necessário para circunscrever as faltas e as imperfeições da realidade, a hesitação espontânea precisa ser incorporada aos *pipelines* de Inteligência Artificial, não como uma falha a ser higienizada, mas como um marcador semântico explícito de calibração algorítmica.

Sabe-se, também, que o rigor representacional depende substancialmente da capacidade da Ciência em acomodar o desvio e a incerteza. Apenas ao treinar as máquinas para decodificarem a ‘sujeira’ inerente à oralidade e compreenderem o valor informativo daquilo que não é assertivo,

será possível mitigar o excesso de confiança algorítmica, e desenvolver ferramentas fundamentadas em uma IA Responsável, que respeite a complexidade e a veracidade dos fenômenos pragmáticos humanos.

Finalmente, temos que a interdependência entre Terminologia e Terminografia configura um sistema epistemológico e metodológico coeso, voltado à sistematização do conhecimento especializado. Sob o prisma acadêmico, a Terminologia oferece a sustentação teórica e os critérios de análise conceitual necessários para a compreensão das unidades lexicais em domínios específicos, enquanto que a Terminografia opera a transposição desses dados para suportes lexicográficos e para bancos de dados.

Essa relação dialética, fundamentada nos preceitos da Escola Austríaca de Wüster, e expandida pelas correntes comunicativas contemporâneas, é vital para a normalização linguística e para a redução de ruídos comunicativos em contextos técnico-científicos.

O que se pôde depreender como viés de aproximação em todos os Seminários apresentados à Disciplina, foi que a prática terminográfica não é um fim em si mesma, mas a materialização de um rigoroso processo de investigação terminológica que assegura a precisão terminológica e a interoperabilidade da informação.

Em última análise, a convergência dessas Ciências fortalece a gestão do conhecimento e a otimização dos mecanismos de comunicação e de linguagem, permitindo que a tradução especializada e o intercâmbio científico ocorram sobre uma base linguística estável e normatizada.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Aparecida. Terminologia aplicada. Percursos interdisciplinares. **Revista Polifonia**, n. 17, 2009.

BASSO, R. M., & Silva, G. Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro: A linguistic typology for animal-based pejoratives in brazilian portuguese. **Revista Do GEL**, 21(1), 36–53., 2024.

BENDER, E. M. *et al.* On the Dangers of Stochastic Parrots: Can Language Models Be Too Big? *In: Proceedings of the 2021 ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency (FAccT '21)*. New York, NY, USA: Association for Computing Machinery, 2021. p. 610–623.

CABRÉ, M. T. **La terminología** – Teoría, metodología, aplicaciones. Trad. de Carles Tebé. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1999.

CABRÉ, M. Teresa. Importancia de la terminología en la fijación de la lengua. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**. Núm. 15, jul. 96. Lisboa: Editorial Notícias, p.9-24, 1996.

DELVIZIO, M. L.; SILVEIRA, M. S. A definição negativa na terminografia: um defeito a ser evitado? **Revista de Estudos Linguísticos da UNESP (GEL)**, São Paulo, 2021.

FAULSTICH, E. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **TradTerm**, São Paulo, v. 7, p. 11-40, 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49140/53222>. Acesso em: 25/02/2026, às 15h51min.

FILLMORE, Charles J. Semântica de frames e a natureza da linguagem. In: Harnad, SR; HD Steklis & J. Lancaster (eds.). *Origens e Evolução da Linguagem e da Fala*. **Anais da Academia de Ciências de Nova York**, n. 280, 1976, p. 20-32.

FOUCAULT, M. "Política e Ética: uma entrevista." In: **Ética, Sexualidade e Política**, por Michel FOUCAULT, 218-224. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1972.

GUO, C. et al. On Calibration of Modern Neural Networks. In: **Proceedings of the 34th International Conference on Machine Learning (ICML)**, v. 70, 2017.

HYLAND, K. **Metadiscourse: Exploring Interaction in Writing**. Londres: Continuum, 2005.

HYLAND, K. **Metadiscourse: Exploring Interaction in Writing**. Londres: Continuum, 2005.

JUBRAN, C. S. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015.

LEÓN-ARAÚZ, Pilar. Terminology and equivalence. In: FABER, Pamela; L'Homme, Marie Claude. **Theoretical Perspectives on Terminology: Explaining terms, concepts and specialized knowledge**. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1D5vW2yByKx4CJiU85hI3_xxhphG4Yk5s. Acesso em: 21 fev. 2026.

MARCUSCHI, L. A. **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2019.

MARCUSCHI, L. A. **A questão da análise da conversação**. São Paulo: UNESP, 2003.

MIELKE, S. J. et al. Reducing Conversational Agents' Overconfidence Through Linguistic Calibration. **Transactions of the Association for Computational Linguistics (TACL)**, v. 10, p. 857-872, 2022.

NADIN, Odair Luiz. ABORDAGEM TERMINOLÓGICO-DISCURSIVA: PELO RESGATE DA TERMINOLOGIA E DA TERMINOGRAFIA NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS PARA FINS ESPECÍFICOS NO CONTEXTO BRASILEIRO. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. vol. 61, n. no. 1, p. 97-108, jan. 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/68c2e260-0b6e-4202-afe8-f90c13051e4f/content>. Acesso em 25/02/2026, às 13h31min.

NOSTALGEBRAIST. **Interpreting GPT: the logit lens**. LessWrong / AI Alignment Forum, 2020. Disponível em: <https://www.lesswrong.com/posts/AcKRB8wDpdaN6v6ru/interpreting-gpt-the-logit-lens>.

ROSE, N. Como se deve fazer a história do eu? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, jan./jul., p. 33-57, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1916 / 2006.

SHRIBERG, E. To "errrr" is human: ecology and acoustics of speech disfluencies. In: **Proceedings of the International Congress of Phonetic Sciences (ICPhS)**. San Francisco, 1999.

SILVA, G.; Basso, R. M. **A natureza da ofensa dos termos derivados de animais**. Afluente, 2024.

VALE, O. A. Quem fala o quê no Roda Viva? Identificação de temas e opiniões num corpus de entrevistas. **Projeto de Pesquisa (FAPESP)**. São Carlos: UFSCar, 2025.